



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

A aventura do bacurau

Um leitor gentil que acompanha os meus garranchos soprou: esqueça um pouco a política e fale dos passarinhos. É difícil, pois a política ameaça as matas e, por tabela, os bichos. No entanto, tentarei. O leitor me forneceu o link de um magnífico site de aves.

Voltarei ao site, mas, por enquanto, me lembrei de uma história que me foi contada por Tancredo Maia, integrante do grupo brasileiro Observaves, sobre

o bacurau norte-americano migratório, que viaja de 8 a 10 mil km para o Brasil e, mais precisamente, para Brasília, quando começa o inverno nos EUA.

Seguramente, os bacuraus migram em bando dos EUA até o Brasil. Os biólogos já fizeram a experiência de colocar GPS nas aves. É impressionante como não se perdem. Não fazem um voo aleatório. Apreciam o calor, o verão e o clima tropical. Diferentemente do urubu ou do gavião — que são planadores, pegam onda de vento e vão em frente —, o bacurau bate asas o tempo todo, ensina Tancredo.

É preciso um preparo físico muito bom. Mesmo à noite, batem asas. Mas,

ao mesmo tempo, param para descansar e fazem a viagem por etapas. Descem os Estados Unidos juntos, atravessam a América Central e, quando chegam à América do Sul costumam se dispersar. Uma parte sobe para a Amazônia e o Pantanal; a outra toma o rumo do Brasil Central e uma terceira tem como destino a costa marítima.

Por isso, é possível encontrar a mesma espécie de bacurau norte-americano em Brasília, no Acre ou na Bahia. No verão, encontram farta alimentação nos trópicos. Os bacuraus são bichos noturnos; durante o dia, eles descansam nas árvores. Tancredo e o grupo Observaves chegaram a registrar, ao longo de quatro

anos, que um bacurau norte-americano ocupou a mesma árvore no Parque da Cidade.

À noite, após as 18h, o bacurau sai para se alimentar de insetos. A migração não é uma aventura improvisada. Existe uma rota que eles fazem todos os anos. Da primeira vez, Tancredo observou um, mas, em seguida, o número de migrantes foi aumentando no Parque da Cidade. Devem ter chamado a família e os vizinhos.

Têm alimentação, o lugar é agradável, ninguém perturba. Isso é legal para fazer uma rota. Incorporam esse programa de viagem para enfrentar as mudanças de estação do ano. Quando o frio

assola nos Estados Unidos, eles migram para os países tropicais. Passam a informação de geração para geração. No Brasil, existem umas seis espécies de bacuraus: “Eles vem visitar os primos”, brincava Tancredo.

Acontece algo semelhante com a ave batizada de Príncipe, que vem da Argentina e também pode ser vista nos parques da cidade. Com a plumagem vermelha e a máscara negra, ela é impressionantemente bela e graciosa. Mas, diferentemente, do bacurau, tem hábitos diurnos. É muito fácil de ser vista. Dá um salto, pega o inseto em voo fulminante e volta ao mesmo lugar, sem jamais perder a realzeza.

» ENTREVISTA | JURACY CAVALCANTE | PRESIDENTE DO IGES-DF

Ao CB.Poder, gestor do instituto destacou dificuldade em contratar médicos para atender a crianças em período de doenças sazonais

Alta demanda por pediatras



Aponte a câmera do celular e acesse o conteúdo completo do CB.Poder

» LUIS FELLYPE RODRIGUES*

A dificuldade de contratação de profissionais para algumas áreas tem prejudicado a abertura de Unidades de Pronto Atendimento (UPA) com pediatra, afirmou o presidente do Instituto de Gestão Estratégica de Saúde do Distrito Federal (Iges), Juracy Cavalcante, no programa CB.Poder — uma parceria entre Correio e a TV Brasília — de ontem. Às jornalistas Denise Rothenburg e Adriana Bernardes, ele também comentou que a dengue está em um momento de queda.

Como está a dengue no DF?

O DF e o Brasil passaram por uma epidemia de dengue jamais vista. Tivemos um sorotipo que era mais prevalente, o DENV-2, e causava uma certa gravidade em determinados pacientes; ou seja, além do número alto de pessoas infectadas, elas necessitavam de internação. Isso, a nível Brasil, gerou uma sobrecarga de todo o sistema de saúde. Sabemos que quando vem uma epidemia e há uma necessidade maior de cuidado com alguns pacientes, nesse caso com internação, é difícil o quantitativo de leitos. Temos outro fator que é o tempo de permanência dessas pessoas; algumas vezes elas têm comorbidades e ficam mais tempo internadas. Vi-

Ed Alves/CB/DA.Press



venciamos uma curva ascendente e um pico, mas hoje podemos dizer que estamos em curva descendente e, por mais que ainda existam muitos casos de dengue no DF, não se compara com o que foi visto nos últimos meses.

O Iges gere três hospitais e temporariamente o Hospital Cidade do Sol em Sol Nascente, além de outras 13 Unidades de Pronto Atendimento (UPA). Como a dengue sobrecarregou essas unidades?

O Hospital Cidade do Sol foi uma decisão acertada do governador Ibaneis Rocha (MDB) e da secretária de Saúde, Lucilene Florêncio, pois estávamos lidando com o sorotipo de maior gravidade e precisaríamos de mais leitos de retaguarda. Tínhamos uma taxa de conversão maior de internação, naquele momento eu não

tinha onde realocar esses pacientes e eles estavam sendo internados em nossas UPAs. Tivemos UPAs com taxas de ocupação em 400%, muito além da capacidade. Isso acaba gerando um desconforto e uma experiência para o paciente de uma forma que o Iges não queria que ele tivesse. Ibaneis mandou para a Câmara Legislativa um projeto de lei ampliando essa questão e nos deixando assumir o hospital temporariamente. É importante dizer que, em 48 horas, nós tínhamos um hospital com 17 leitos funcionando com capacidade para 60 leitos e, em cerca de 48 horas, nós montamos 40 leitos. Em menos de 60 dias, nós tivemos mais de mil altas.

O que foi feito de diferente que permitiu esse aumento?

O Iges foi criado com esse intuito. Somos um serviço social autó-

nomo de natureza jurídica privada e é justamente para trazer maior celeridade, seja na contratação de pessoas, na compra de medicamentos, insumos ou equipamentos. Essa celeridade nos permitiu rapidamente nos mobilizar. Obviamente, essa mobilização depende muito, por exemplo, de um cadastro de reserva. A partir do momento que você faz um processo seletivo, você tem um cadastro que fica reservado e aguardando. Chamamos esses cadastros de reserva e o time fez uma força-tarefa para mobilizar todos esses leitos.

O Iges tem tido dificuldades para encontrar e contratar profissionais em algumas áreas e especialidades?

Quando nos colocamos na área médica, há algumas especialidades em específico que podemos dizer

que, às vezes, existe uma maior escassez de profissionais. Dependendo do período, fica mais difícil contratar. Hoje, tem algumas especialidades, como cirurgia de cabeça e pescoço, além do anestesiológico, que é bem complexa a contratação. O intensivista pediátrico é outro, pois estamos vivendo a sazonalidade das doenças respiratórias, então nós temos na pediatria um profissional que é muito demandado. Todo o ecossistema de saúde no DF necessita deles, e fica mais difícil a contratação. Tentamos abrir uma UTI no Hospital Regional de Santa Maria (HRSM) para suportar esse momento e não conseguimos a contratação de um intensivista pediatra. Recentemente, abrimos uma UPA com serviço de pediatria em Ceilândia I, e lá conseguimos fechar a escala. O objetivo era abrir outra em Sobradinho, porém, neste período, não conseguimos profissionais suficientes.

Quais doenças sazonais mais aparecem neste período?

Hoje, está circulando o vírus sincicial respiratório que, a partir do momento que acomete crianças nos primeiros meses e anos de vida, pode gerar uma doença grave chamada de bronquiolite. Ela é a grande preocupação do serviço de saúde, pois é uma criança que necessita de uma internação rápida. Além dos serviços das UPAs, Santa Maria é uma porta aberta de pe-

diatria. Recentemente, vencemos uma situação na RA que chegamos a ter 17 crianças intubadas no nosso pronto-socorro. Transformamos nosso pronto-socorro em meio que uma UTI, somos porta aberta e atendemos a todos. Boa parte dos nossos pacientes em Santa Maria, mais de 50%, não são oriundos do DF. Nosso foco é atender a todos. Quando temos uma sobrecarga temos uma limitação física. Além disso, para atender essa demanda temos outros hospitais da rede.

Como está a questão dos contratos?

Uma grande preocupação que tive, assim que eu assumi o Iges, era essa questão de contrato, principalmente aqueles emergenciais. Às vezes, precisamos comprar de maneira imediata com contrato emergencial. Estamos utilizando uma ferramenta que controla os nossos contratos em tempo real. Assim, conseguimos visualizar, por exemplo, se temos um contrato que é para distribuir mil ampolas de dipirona e conseguimos avaliar se o consumo desse contrato, a partir do momento que ele chega em 75%, é sinalizado para o gestor que precisamos fazer um contrato regular. Com esse modelo de gestão, reduzimos em 70% nossas compras emergenciais.

* Estagiário sob a supervisão de Patrick Selvatti

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 8 de maio de 2024

» Campo da Esperança

Clemente Alves Noleto, 87 anos
Cleusa Maria de Lacerda, 80 anos
Helton de Paiva Ribeiro, 61 anos
João Bosco Pereira de Lacerda, 78 anos
Joaquim Pedro da Silva, 89 anos
José Evaldo Pereira, 69 anos
José Pinho de Carvalho, 77 anos
Manoel Lopes Cavalcante, 75 anos
Maria Nilda Lia Ferreira da Silva, 79 anos
Maria Perpétua de Barros, 98 anos
Mateus Vieira de Oliveira, 23 anos
Matilde Lima Dias, 76 anos
Paula Regina Almeida Alves, 62 anos
Pedro Franzim, 95 anos
Ruy Gomes de Lima, 67 anos
Silvério Vieira de Rezende, 82 anos

Valfredo Marques de Oliveira, 87 anos
Wilson Malnati, 93 anos
Zélia Maria de Jesus, 77 anos

» Taguatinga

Antônio João da Silva, 74 anos
Antônio Wilson de Queiroz, 78 anos
Edilmar Neves de Jesus, 63 anos
Eudes Saldanha da Silva, 69 anos
Florêncio Lapa Bispo Ramos, 42 anos
Francisco Lino do Nascimento, 47 anos
José Maurício dos Santos Filho, 79 anos
Juvenal Joaquim Pereira, 57 anos
Maria Lúcia da Silva Duarte, 67 anos
Marta Alves Souza, 42 anos
Melkson Cesário da Silva, 45 anos
Merlinda Oliveira Dias, menos de 1 ano
Robertinho Luis de Sousa, 59 anos

Sebastião Pereira de Souza, 88 anos

» Gama

André Luiz Paulo Soares, 50 anos
Ângela Maria Quintanilha Moreira das Chagas, menos de 1 ano
Edmilson Justino da Costa, 82 anos
Fábio William de Oliveira Farias, 25 anos
João Batista de Amorim, 75 anos
Maria Augusta de Oliveira, 61 anos
Maria Cacilda de Sousa Siqueira, 72 anos

» Planaltina

José Targino Rocha, 72 anos

» Brazlândia

José Humberto Pereira, 67 anos
Maria Eugênia dos Santos Filha, 69 anos
Paulo Sérgio de Jesus Souza, 24 anos

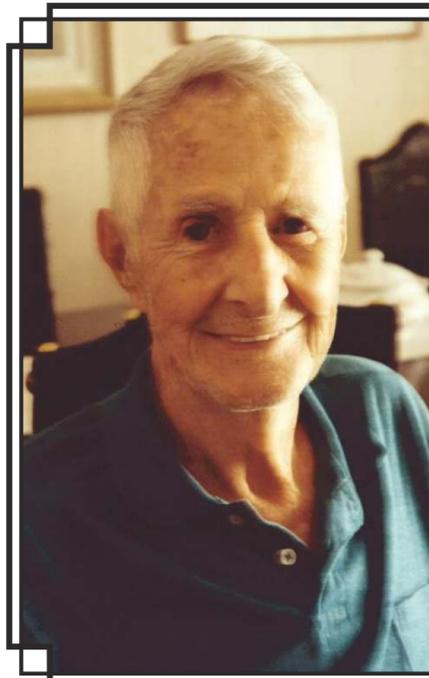
» Sobradinho

Albanir Aparecida Borges, 77 anos
Gerson Jurema Nunes, 68 anos
Gleidiane de Souza Silva, 36 anos
Maria do Carmo Lana, 95 anos
Valmíria de Barros e Silva, 10 anos

» Jardim Metropolitano

Jacileide Jerônimo de Sousa e Silva, 76 anos
Elida Dias, 74 anos
Domingos Januário da Silva, 80 anos
Elza Ferreira de Melo, 83 anos (cremação)


 Missa de 7º dia em memória de
CRESO VILLELA
 17/11/1928 - 03/05/2024
09 de Maio de 2024
 20h15 Paróquia São Pedro de Alcântara
 Lago Sul, Brasília



NOTA DE FALECIMENTO ROMANO AVIANI

É com pesar que a família comunica o falecimento de seu patriarca, **Romano Aviani**, 90 anos, ocorrido em 7 de maio de 2024. Pioneiro da Novacap, deixou um legado marcante e um grande vazio nos corações da esposa, Geny de Moraes Aviani, seus filhos, noras, genro, netos, bisneto, irmãos e irmãs, além de parentes queridos e inúmeros amigos. **O velório ocorrerá no dia 9 de maio, das 9 às 11h, na Capela 7 do cemitério Campo da Esperança, Brasília, DF, seguido de cremação reservada.**